

Falha no Projeto

ATIVIDADES RECONSTRUTORAS NUM GRUPO DE TERAPIA OCUPACIONAL

Autores

Cristina Pinheiro de Sousa *

Regina Célia de Brito Jorge **

* Terapeuta Ocupacional, Especialista em Terapia Ocupacional em Saúde Mental pelo C.E.T.O., Formação em Psicologia e Psicoterapia da Infância.

** Terapeuta Ocupacional, Mestranda em Psicologia e Subjetividade, Especialista em Terapia Ocupacional em Saúde Mental pelo C.E.T.O., Especialista em Educação Especial: Deficiência Mental e Distúrbio de Aprendizagem, Aperfeiçoamento no Método Bobath-Neuroevolutivo e Método Kabath-Facilitação Neuromuscular Proprioceptiva.

Palavras-chave

Grupo
Reconstruções
Setting
Terapeuta Ocupacional

Resumo

O artigo trata da forma trilhada e da abordagem teórico-técnica empregada em Terapia Ocupacional para um grupo de adolescentes portadores de alterações cognitivas.

Introdução

O grupo que aqui descreveremos se reunia uma vez por semana em uma escola profissionalizante, destinada a adolescentes e adultos jovens, que por razões diversas, não encontravam na escolaridade regular estruturas de apoio que se adequassem à forma singular de seus processos de aprendizagem. A escola, além de um curriculum pedagógico adequado à problemática da cognição era acrescido de assistência em terapia ocupacional em grupo.

Este era orientado por duas terapeutas ocupacionais, em co-terapia, e era constituído por cinco adolescentes entre 14 e 20 anos.

Após as férias de julho de 1999 o grupo retomou suas atividades tendo como novidade a nova sala de Terapia Ocupacional. Nesse primeiro encontro após termos relatado nossas férias, passamos a conversar sobre a escolha das atividades a serem realizadas durante o mês de agosto. As terapeutas distribuíram revistas para que encontrassem algo que despertasse interesse ou que estimulasse a criatividade. Em uma revista havia uma matéria ensinando a técnica de restauração de móveis que despertou interesse. Uma das terapeutas sugeriu que fossem pintadas as mesas para a nova sala. A idéia empolgou a todos e passamos para a organização das atividades, e as etapas necessárias para a realização da pintura.

Inicialmente listamos o material e a seguir identificamos as diversas etapas da atividade: limpar, lixar, emassar, passar uma base branca e finalmente pintar com a cor escolhida.

Todos participavam empolgados.

Por outro lado, observamos que o grupo havia evoluído em relação aos primeiros meses de trabalho, quando os adolescentes mostravam-se desorganizados e desarticulados em relação ao "fazer", muitas vezes estando dispersos e sem motivação. A construção agora estava presente e não só em relação às atividades, mas também em relação à própria constituição do grupo.

Na semana seguinte iniciamos a realização das atividades. O grupo foi dividido em dois, pois iríamos pintar duas mesas. O grupo I foi constituído de três adolescentes e uma terapeuta; o grupo II por dois adolescentes e a outra terapeuta.

Após limparmos as mesas passamos para a próxima etapa da atividade de lixar. Para realizar tal trabalho o grupo II teve que desmontar as pernas da mesa utilizando a chave de fenda, fato que resultou em várias reclamações motivadas por aparentes dificuldades internas e externas que a atividade provocou. Os adolescentes diziam: “Eu não sei!...”, “Eu não consigo!”. Tais elementos devidamente trabalhados possibilitaram o finalizar dessa etapa com êxito. Em seguida esse mesmo grupo resolveu não mais utilizar uma haste que ligava as pernas da mesa, apesar da interferência de um integrante do outro grupo sinalizando que não daria certo. Esse grupo resolveu não dar ouvidos ao colega, e continuaram no que estavam fazendo.

Não deu certo!

Fez-se um silêncio...Todos ficaram paralisados como se tal problema não fosse passível de ser resolvido. Foi preciso a intervenção das terapeutas para mostrar-lhes o quanto era possível reverter o erro e a mesa assumir a sua forma original.

O tempo corria e todos participavam ativamente com intensa excitação. Os diálogos circulavam em torno das competências de cada um, ao mesmo tempo que denotavam o quanto cada um era exigente consigo mesmo. Resmungavam enquanto faziam:

- _ “Será que está certo?”
- _ “Será que vou conseguir?”
- _ “Estou cansado!”
- _ “Assim está errado!”

As terapeutas ficavam perplexas com tantas frases reafirmando inabilidades durante todo o processo do “fazer” destas atividades.

Concluída a etapa do lixamento iniciamos a segunda etapa das atividades, emassar, corrigindo os defeitos da mesa com massa acrílica. Esta fase tornou a atividade mais difícil, pois exigia maior destreza manual, atenção/concentração e a certeza interna de ter competências. O que aconteceu foi que, novamente, houve uma emersão maciça de medos e ansiedades em relação às competências individuais, acompanhadas de uma auto-exigência “espartana” por parte dos adolescentes. Não chegamos a questionar a indi-

cação dessas atividades, pois percebemos que a cada momento a assistência das terapeutas permitia a ultrapassagem das dificuldades.

Na sessão seguinte as mesas estavam emassadas e lixadas, chegando o momento das mesmas receberem a mão de tinta branca que serviria de base. Apesar de termos comprado a tinta errada resolvemos testá-la, iniciando pela mesa pequena. O efeito não foi o esperado, mas tal ocorrência foi vivenciada pelo grupo de forma extremamente tranqüila e prazerosa. Em seguida, como de costume, o material foi guardado e a sala arrumada por todos. Enquanto arrumávamos, Francisco (adolescente componente do grupo) entrou na sala com a lata de tinta na mão, aberta, olhando para o outro lado, enquanto Márcia (outra adolescente componente do grupo) vinha saindo. Acidentalmente eles se esbarraram e a lata de tinta (esmalte sintético) derramou em cima de Márcia sujando toda a sua roupa e sua sandália nova “dos Estados Unidos”, como dizia ela. Márcia ficou desesperada e chorava muito, como se não houvesse possibilidade de reverter “o desastre”. Acompanhada novamente pelas terapeutas, no banheiro limpou a roupa e as sandálias. À medida que a tinta ia saindo, Márcia ia se acalmando e ficando mais tranqüila, mas ainda muito enraivecida com o Francisco.

Francisco ficou estático, ruborizado, parecia em pânico. Inferimos dizendo que ele poderia estar dizendo para si: “Que monstro sou eu capaz de promover tamanho desastre.” Francisco é um adolescente muito agressivo e com poucos elementos introjetados de regras sociais. De paralisado no primeiro momento, Francisco começou a pedir insistentemente desculpas a Márcia, que não as aceitava, e isso fazia com que ele se desesperasse ainda mais. As terapeutas resolveram iniciar o processo de limpeza do ambiente com Francisco e os outros participantes, que se comportaram de maneiras diversas, uns saíram para longe do acontecido como se não fosse com eles, um apenas veio ajudar. As repercussões subjetivas do “desastre na sala de TO” foram amainando à medida que a sala foi ficando limpa. A sala foi voltando ao seu estado organizado e continente de manifestações regressivas.

As terapeutas, após o término da reorganização da sala, convocaram todos os elementos do grupo que estavam bastante dispersos, para fazer um fechamento, com intuito de possibilitar a introjeção da imagem do “setting” reestruturado.

Para Francisco, seria impossível sair dali sem essa imagem reparadora e sem as desculpas de Márcia, que apesar de relutante acabou por aceitá-las.